

*E as minhas esperanças de menino
E os anelos de amor e mocidade
Naufragaram no grande desconforto.*

SONHO INÚTIL

*Em minha juventude estive à espera
De um malogrado sonho superior.
Esperança divina que eu quisera
Ver aureolada por um grande amor!*

*Mas não pude esperar quanto devera
Nos carreiros aspérrimos da dor,
Sem fé, que era aos meus olhos a quimera
Do pensamento mistificador.*

*Meu erro foi descrer, porque, deserto
O coração, sòmente acreditei
Na Morte, o grande abismo, o nada incerto!...*

*Oh! o maior dos enganos perpetrados!
Pois no meu sonho altíssimo de rei
Achei a dor dos grandes condenados!*

(Versos recebidos em Pedro Leopoldo a 22 de maio de 1935)

MORTE

*Longe do sentimento limitado
Da matéria em seus átomos finitos,
No limite de um mundo ignorado
Celebra a morte seus estranhos ritos.*

*Hinos e vozes, lágrimas e gritos
Do espírito que outrora encarcerado,
Contempla a luz dos orbes infinitos,
Bendizando a amargura do Passado!*

*Ó Morte, a tua espada luminosa,
Formada de uma luz maravilhosa
É invencível em tôdas as pelejas!...*

*Ês no Universo estranha Divindade.
Ó operária divina da Verdade,
Bendita sejas tu! Bendita sejas!...*

Cruz e Sousa

(Soneto recebido em Pedro Leopoldo a 21 de julho de 1935)

EXORTAÇÃO AOS ESPÍRITAS

*Uni-vos sob a paz, uni-vos sob a crença,
Ó argonautas do ideal, arautos da esperança!...
Que se realize agora o sonho da bonança!...
Como os pães do Senhor que a fé se espalhe e vença.*

*Não temais combater, que o Mestre vos conduz
Com o sol espiritual que envolve o mundo inteiro;
Sêde na terra verde e augusta do Cruzeiro
Os soldados do Amor, seareiros de Jesus!*

A. Guerra Junqueiro

(Versos recebidos em Belo Horizonte a 21 de julho de 1935)

UMA PALAVRA À IGREJA

*A Igreja antigamente era uma luz dourada
Que enchia os corações de paz e de esplendor,
Sublime manancial, fonte viva do amor,
Jorrando sob o sol de mística alvorada.*

*A palavra da fé caía como um luar
De esperança divina, esplendorosa e doce,
Sobre as dores cruéis, mas tudo transformou-se
Quando Pantagruel apareceu no altar.*

*Então, desde esse dia, as dúlcidas lições
Do exemplo de Jesus, o meigo Nazareno,
Sumiram-se no horror do lamaçal terreno,
No multissecular mercado de orações.*

*De Deus fêz-se um cifrão imenso, extraordinário,
Inventou-se o ritual de um Cristo estranho e nôvo
E fêz-se a exploração sacrílega do povo
Sôbre a tragédia santa, excelsa do Calvário.*

*Ó Igreja, esquece ao longe as indústrias da cruz,
Só o Amor é farol no humano sorvedouro,
Deixa ao mundo infeliz as caixas-fortes de ouro
E volta enquanto é tempo aos braços de Jesus!...*

A. Guerra Junqueiro

(Poesia recebida em Pedro Leopoldo em 14 de agosto de 1935)

CARNE

*Algema tenebrosa é a carne louca
Onde o espírito, em lágrimas, se prende,
Perambulando como um triste duende,
Bebendo o pus das fístulas da boca.*

*Viver entre os sentidos incompletos,
Na existência das cousas fragmentárias,
Começando nas dores solitárias,
Da vida melancólica dos fetos.*

*Vaso de tegumentos e de humores
É o corpo, imagem viva do defunto,
O miserabilíssimo transunto
Das condições mais tristes e inferiores.*

*Desprezar tôda a luz, radiosa e viva
Para viver na carne é descer quase
Da consciência divina à horrenda fase
Da irracionalidade primitiva.*

*Carne!... Nossa amargura original,
Antes, sôbre o planêta nunca houvesse
O princípio ancestral da tua espécie,
Nos mistérios da Vida Universal!...*

Augusto dos Anjos

(Versos recebidos em Pedro Leopoldo a 25 de setembro de 1935)

O MONSTRO

*Vi um monstro pairando sôbre a Terra
Como um corvo de garras infinitas,
Cobrindo multidões tristes e aflitas:
Visão de luto e lágrimas que aterra!*

*Vi-o de vale em vale, serra em serra
E disse: — “Quem és tu que abres e excitas
Os pavores e as cóleras malditas?”
E o Monstro respondeu: — “Eu sou a Guerra!*

*Não há forças no mundo que me domem.
Sou o retrato fiel do próprio homem,
Que destrói, luta e mata e vocifera!*

*Venho das trevas densas, da voragem,
Dos abismos de dor e da carnagem,
Para mostrar ao homem que ele é fera!...”*

Antero de Quental

(Soneto recebido a 10 de outubro de 1935)

PRECE DE NATAL

*Senhor, dêsses caminhos côr de neve
De onde desceste um dia para o mundo,
Numa visão radiosa, linda e breve
De amor terno e profundo,
Das amplidões augustas dos Espaços,
No teu Natal de eternos esplendores,
Abriga nos teus braços
A multidão dos seres sofredores!...*

*Que em teu Nome
Receba um pão o pobre que tem fome,
Um trapo o nu, o aflito uma esperança.
Que em teu Natal a Terra se transforme
Num caminho sublime, santo e enorme
De alegria e bonança!*